

Entrevista com Luis Izcovich

POR ANA LAURA PRATES PACHECO E SILVIA FRANCO

ANA LAURA PRATES PACHECO: Na carta da IF está presente a separação entre os Fóruns e a Escola: “Esses Fóruns do Campo Lacaniano não são Escolas e não outorgam nenhuma garantia”. Gostaria de um comentário a respeito desse critério de organização institucional que separa fóruns de Escola.

LUIS IZCOVICH: Penso que em 1998, quando se fez a criação dos fóruns, lançou-se uma estrutura que já visava criar uma Escola. No programa dos fóruns já estava a perspectiva dessa criação. Mas em nenhum momento se pretendeu substituir a estrutura dos fóruns. Parece-nos haver aí duas estruturas funcionando quase independentemente e, ao mesmo tempo, conectadas por um objetivo comum. A pergunta de fundo seria se convém mantê-las ainda hoje, elas se justificam pelo seguinte: há pessoas interessadas pelo discurso analítico, querem pertencer a uma comunidade orientada pelo discurso analítico, mas não querem firmar-se mais em questões relativas à formação do analista. Elas têm um lugar nessa comunidade, inclusive por portarem objetivos diferentes: não visam, necessariamente, ser analistas, mas se sentem concernidas pelo discurso analítico. Essas pessoas têm um lugar nos fóruns.

Bem, por outro lado, a Escola apresenta uma especificidade: a de receber aquelas pessoas concernidas não só pelo discurso analítico, mas também pela formação do analista, perguntando o que é ser analista. Isso delimita dois campos diferentes, dois campos conectados, não dissociados, pois ambos são orientados pela Escola. Ela dá uma orientação ao conjunto, permitindo tal liberdade de estar dentro de uma associação sem necessariamente estar com a exigência da pergunta do que é ser um analista.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Manter essa separação quanto ao modo de articulação entre os Fóruns e a Escola, considerando a maneira como nós temos conduzido a interseção entre esses dois

conjuntos, bem como o modo de funcionamento dessas instâncias, será que estamos propiciando uma orientação única ou estamos correndo o risco de deixar nos Fóruns uma organização mais administrativa?

LUIS IZCOVICH: Em princípio existe um campo delimitado dos Fóruns e outro campo delimitado da Escola. O dos Fóruns não concerne à prática da análise.

ANA LAURA PRATES PACHECO: É, digamos, uma associação de pessoas interessadas pelo discurso psicanalítico?

LUIS IZCOVICH: Isso! Concernidas pelo discurso analítico. Um exemplo: um historiador interessado por psicanálise e que venha regularmente apenas por esse interesse. Para mim ele tem lugar nos Fóruns.

ANA LAURA PRATES PACHECO: E as instâncias? Elas poderiam também ser ocupadas, por exemplo, por esse historiador? Ele poderia ser diretor do Fórum? Entende a questão colocada? Se o fórum não é Escola, mas está orientado por ela, quem ocupa as instâncias de direção dos Fóruns tem que estar preocupado por essa orientação?

LUIS IZCOVICH: Bom, este segundo problema parece-me fundamental, pois traz uma proposição que está incluída na pergunta: quem dirige os fóruns e quem dirige as Escolas? Porque há uma direção. O que acontece até hoje? Até hoje, a eleição é democrática, todos podem apresentar-se e todos votam. Bem, acredito que quanto às instâncias de gestão, isso é válido, justifica-se porque o fórum funciona como uma associação e deve, portanto, ter uma eleição democrática. Nesse sentido, se a comunidade de um fórum, por exemplo, o Fórum de São Paulo, aceita a inscrição de um historiador como candidato e o elege, não haveria objeção. É uma eleição democrática. Qual é o problema nisso tudo? O problema para mim não é esse, porque se trata de uma associação dirigida por um candidato que se apresenta e é eleito pelos outros. O problema é a questão de direção da Escola. Aí há um problema, pois acredito que há uma certa incompatibilidade en-

tre a democracia e a Escola. Explico: não acredito que a Escola tenha que ser anti-democrática, mas, como funcionamos até agora? Qualquer um pode ser candidato com algumas restrições, e todos votam. Não creio que esteja em condições de eleger um cartel de passe internacional alguém que se tornou membro da Escola hoje. Você entende?

ANA LAURA PRATES PACHECO: Que acabou de se tornar membro da Escola hoje?

LUIS IZCOVICH: Sim, alguém que acaba de ser recebido como membro da Escola não está em condições de votar em um cartel internacional. A outra possibilidade é só eleger como membro da Escola alguém que conheça tão bem a estrutura, que possa votar em um cartel internacional. Caso se espere isso, admitir um membro na Escola levará muito tempo. Há que se ver quais as condições para se admitir um membro da Escola. Ou se admite alguém preocupado pela formação do analista, ou não se dá a ele as condições de votar em um cartel internacional. Logo, algo há que se revisar enquanto houver votos internacionais. Esse é o primeiro ponto. Segundo ponto: o que acontece atualmente. Passam-se quatro meses para fazer uma eleição internacional. Há as eleições locais, depois o voto internacional. Tudo isso exige quatro meses. Nossa comunidade fica mobilizada durante quatro meses para eleger o Colégio Internacional da Garantia. Parece-me algo desproporcionado. É preciso encontrar outros modos de eleição destes cartéis. Um terceiro ponto é que, no sábado¹, foi feita uma pergunta sobre os passadores, as pessoas participantes dos cartéis do passe e alguém que tenha sido nomeado. Perguntou-se se essas pessoas não deveriam participar mais dos cartéis do passe. Em todo caso, hoje não se privilegiam as pessoas que tenham passado pelo dispositivo. Deveriam fazer parte dos cartéis do passe aqueles que já tivessem passado pela experiência? Hoje isso quase não acontece. Poderíamos pensar em uma estrutura de constituição dos cartéis na qual, por exemplo, houvesse necessariamente um passador, alguém que já tivesse exercido essa função. Por exemplo, fazer uma eleição entre todo o corpo de passadores e eleger um que necessariamente tenha participado.

¹ Diagonal da Opção Epistêmica/ Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Conferência de Luis Izcovich: O tempo na Clínica Psicanalítica. 18 de agosto de 2007. São Paulo.

SILVIA FRANCO: Porque hoje na nossa Escola o passador pode se candidatar...

LUIS IZCOVICH: Mas não é o mesmo.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Você está propondo uma espécie de “cota” de passadores?

LUIS IZCOVICH: Atualmente em nosso Colégio Internacional de Garantia houve passadores que se apresentaram e nenhum foi eleito. Não foi eleito por quê? Porque as pessoas elegem um nome mais conhecido, ou seja, não estão elegendo em função da experiência relacionada ao passe.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Sim. Eu queria retornar um pouco a essa questão da democracia, por ser uma questão sempre presente nos nossos debates. Reli a Proposição² a partir desta questão, especificamente o trecho em que o Lacan fala da permutação e sublinha a questão “Isso não implica de forma alguma uma hierarquia de cima pra baixo, mas uma organização circular, cujo funcionamento fácil de programar se firmará na experiência”. A primeira coisa que me chamou a atenção: em nenhum momento ele fala de eleição, ele fala de permutação. Não sei como eram feitas as escolhas para as instâncias na EFP e na Escola da Causa Freudiana. Talvez esteja havendo uma confusão nessa questão da permutação, porque o princípio de permutação é certamente um princípio democrático, mas ele não é só isso. Lacan fez questão de frisar que isso não significa inverter a pirâmide. Isso eu acho um ponto muito sensível. A questão é ir além da democracia, não é ficar aquém da democracia.

SILVIA FRANCO: Eu queria acrescentar um ponto. Você agora está falando da Escola? Porque essa questão surgiu há algum tempo atrás, em uma discussão no Fórum São Paulo, relacionada ao Fórum e não à Escola, não é isso?

ANA LAURA: Sim.

SILVIA FRANCO: Essa questão é muito importante, gostaria de

² Jacques Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967 para o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

entrar nesta discussão, é um ponto complicado na nossa organização a separação entre os Fóruns e a Escola. E, ainda, levando em consideração os e-mails sobre o balanço dos 10 anos dos Fóruns e dos 6 da Escola, comentava-se que essa organização resulta muitas vezes em uma distância entre os fóruns e os dispositivos de Escola e discute-se a simplificação da nossa montagem institucional.³ Observo que quase não há membros de fórum que não estejam às voltas com a formação analítica, mas muitos não fazem o pedido para entrar na Escola. Como você pensa essa separação?

LUIS IZCOVICH: Há duas coisas contrárias à junção dos fóruns com a Escola, duas razões para não juntar os dois. A primeira histórica: nossa estrutura foi criada assim, há um certo número de pessoas que vieram ao fórum por esta razão. Sabiam que haveria uma Escola, mas, para eles, interessa pertencer a uma comunidade na qual não, sintam-se necessariamente, implicados na questão sobre o que é ser analista. Sentem-se implicados pela análise, em termos gerais. Juntar os dois é dizer a essas pessoas que tudo isso já ficou pra trás e agora somos uma só estrutura, a Escola, e o interesse é a formação do analista. Parece-me que é não respeitar a estrutura de nossa história, essa é uma razão. E a segunda é que segue válido o fato de que haja quem se interesse pela psicanálise e não queira ser analista. Ele tem lugar em nossa comunidade. Agora, eu entendo bem os problemas, a questão é como tratá-los. A questão democrática – mantida por mim - deve ser clara desde a estrutura dos fóruns e de sua eleição, porém não é suficiente conceber que as instâncias dirigentes dos fóruns sejam eleitas democraticamente. Acredito que tenha que haver um discurso em todos os fóruns: o responsável pelo fórum tem que estar em transferência com a estrutura internacional. Porque hoje, por exemplo, se na prática alguém pode ser dirigente do fórum sem ser membro da Escola, não tem que ser alguém que tenha oposição à Escola.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Você considera que seria antidemocrático formalizar que os diretores de fóruns sejam membros de Escola? Eu não considero. Essa questão de quem é elegível e de quem é eleitor faz parte da democracia, é a questão de como constituir um colégio eleitoral. Aliás, isso é um termo político,

³ E-mails eu circularam na rede IF-EPFCL e na rede da AFCL sobre o debate preparatório e balanço dos dez anos dos fóruns e seis anos da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Debate preparatório para as assembleias de julho de 2008, em São Paulo.

colégio eleitoral é o conjunto dos votantes. Por exemplo, no Brasil, menores de dezoito anos até há pouco tempo não podiam votar. Agora, a partir de dezesesseis anos, já podem votar, mas não é obrigado. Isso é um colégio eleitoral. Portanto, nós podemos instituir as condições, os critérios do colégio eleitoral, quem vota etc. Segundo: também podemos instituir condições para alguém ser candidato, isso também faz parte do jogo democrático. Por exemplo, para ser candidato tem que ter mais de vinte e um anos, pertencer a um partido político, no plano da sociedade. No plano dos fóruns, poderíamos também colocar algumas condições. Pois mesmo mantendo essa separação Fórum-Escola, não seria desejável que as instâncias de direção fossem ocupadas por membros de Escola, no sentido de garantir a orientação? Então, voltando um pouco: o tal do historiador interessado no discurso analítico poderia ser membro do Fórum, participar talvez de comissões, porém não ser diretor. Isso em termos ideais funciona, mas, na prática, a longo prazo, corre-se o risco de ter um diretor de fórum dissociado completamente das questões da Escola. Como você disse, é algo muito democrático que possamos acolher pessoas interessadas no discurso analítico, sem o imperativo superegóico: “você tem que fazer Escola!” O que temos visto nestes dez anos são pessoas chegando ao fórum e se contentando com isso.

LUIS IZCOVICH: Bom, estamos falando do estatuto. O que vocês estabelecem no estatuto do fórum, eu estabeleço fazendo existir um discurso de modo forte e suficiente para limitar. Mas não estou contra este princípio. Também acredito que os responsáveis têm que estar em conexão com a estrutura internacional. Não pode ser responsável alguém que somente se interesse pelo local. Um responsável tem que estar em transferência com a estrutura internacional, e mesmo que por alguma razão ele não seja membro da Escola, tem que estar em conexão com a estrutura internacional. Na prática, precisamos estabelecer tal critério, mesmo que de modo implícito, de tal forma que necessariamente seja um membro da Escola.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Queria só introduzir mais um item nesta discussão. Talvez complexifique um pouco, force o argumento e o raciocínio. Por que não podemos considerar os Colégios

Clínicos ou as chamadas Formações Clínicas, por exemplo, como essa instância mais ampla e acolhedora? Pensando nessa questão, qual seria a lógica dos Colégios Clínicos, dos Institutos de Formação, ou seja, as instâncias de ensino?

LUIS IZCOVICH: Temos de estar muito atentos aos problemas que poderão advir, pois os Colégios Clínicos não podem ser uma finalidade em si. Há, em certos lugares da IF, quem se satisfaça com os Colégios Clínicos; é necessário ficar claro que o Colégio Clínico é um lugar de transmissão de conceitos e nada mais. Não é um lugar de formação de analistas. Não é um lugar para se interrogar o que é ser um analista. É um lugar de transmissão de conceitos, nada mais; por isso não se pode fazer uma associação na qual os membros que, ainda não são membros da Escola, pertençam ao Colégio Clínico. Pois este serve para transmissão de conceitos e há que buscar os limites disso. Para a questão da formação, tem que se dirigir a outro lugar. Isso é uma responsabilidade de cada Colégio: ser simplesmente um passo para orientar as pessoas que irão à Escola.

SILVIA FRANCO: No e-mail de Colette Soler que deu início ao debate preparatório e balanço dos 10 anos de funcionamento dos Fóruns e 6 anos da Escola, ela destaca o seguinte: “Conto com a idéia de que aquilo que decidimos instituir podemos decidir suprimir ou transformar”.⁴ Então, retomando, você considera que a junção seria o mesmo que apagar a história, o início, o por quê?

⁴ *Ibid.*

LUIS IZCOVICH: Eu não estou convencido da necessidade de juntar os dois. Isso é pessoal. Não estou convencido! Quais são os benefícios de um fórum? É um lugar de debate permanente, o qual é aberto a todos e é preciso tal abertura. A Escola tem, necessariamente, de se estruturar sobre o que é ser um analista, ou seja, limitar o debate. Que os debates da IF sobre como está a psicanálise no nosso mundo sejam orientados pela formação do analista, aí sim. Mas acredito na necessidade de manter esse espírito de iniciativa como a força de um início.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Aqui no Brasil temos uma situação interessante: alguém que é membro do Fórum de São Paulo,

ipso facto também é membro da IF, porque ela é a Confederação dos Fóruns. Mas nós temos também uma associação nacional, quanto à qual se pode escolher pertencer ou não. Ou seja, há alguém que é membro internacional, mas não é membro da instância nacional. Por outro lado, se ele pede para ser membro de Escola, necessariamente deve ser membro da associação nacional, porque é ela a considerada “local” na Escola. Quer dizer, o que é considerado “local” na IF são os fóruns e o “local” na Escola é a associação nacional. Até porque cada fórum não tem um número suficiente de membros de Escola pra ter os seus dispositivos. Então essa organização cria as mais variadas situações. A impressão é que cada membro do Fórum São Paulo, por exemplo, tem uma situação diferente.

LUIS IZCOVICH: Trata-se de um problema interno no Brasil. Isso é muito fácil de resolver, basta como condição pertencer à estrutura nacional e ser membro de um Fórum. Uma vez resolvido esse problema, há duas categorias: o membro do Fórum que é membro da IF e o membro da Escola que é membro do nacional e do internacional. Duas categorias e nada mais.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Sim, mas existem pessoas membros de Fórum que não são membros de Escola, mas são membros nacionais também.

LUIS IZCOVICH: Esse é um problema suplementar que vocês criaram no Brasil.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Ah, é um problema local!

LUIS IZCOVICH: Sim, porque não há nenhuma necessidade, do ponto de vista da IF, de criar uma estrutura nacional. O Brasil decidiu criar uma estrutura nacional.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Na França não tem isso?

LUIS IZCOVICH: Não. Na França só há um Fórum, o Fórum Francês.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Não tem vários Fóruns?

LUIS IZCOVICH: Não. Só um Fórum nacional. Assim não há muitas possibilidades.

ANA LAURA PRATES PACHECO: E as instâncias locais, são como?

LUIS IZCOVICH: Chama-se de Pólo. Uma instância dirige em conjunto. Os responsáveis do Pólo são ao mesmo tempo delegados. Chama-se Escola de Psicanálise Fórum do Campo Lacaniano França. Uma só e todos os membros dentro desta estrutura. Nela há alguns que são membros de Escola e outros que não o são, nada mais. Então, é certo, vocês têm alguns problemas suplementares. Queria perguntar a vocês para que serve a instância na estrutura nacional.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Como o Brasil é um país continental, se ficar só com fóruns locais, não há interlocução em nível nacional. Por exemplo, nós temos congressos anuais, temos *Stylus*.

LUIS IZCOVICH: Não me meto na política do Brasil, mas vendo que os responsáveis locais se põem em acordo para organizar jornadas, criar uma rede internacional e para criar os dispositivos nacionais, seria melhor haver só uma estrutura nacional.

ANA LAURA PRATES PACHECO: o Fórum Brasil, o qual daria uma orientação e depois cada um, localmente, decidiria como articular o local em função da política nacional. É interessante isso porque aqui no Brasil o princípio de autonomia foi entendido como autonomia das cidades. O Fórum Rio é totalmente autônomo em relação ao de Salvador, de Belo Horizonte, de São Paulo. Por exemplo, o Fórum São Paulo é uma associação jurídica inscrita na cidade de São Paulo.

LUIS IZCOVICH: Acredito que haja uma razão histórica.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Há uma razão histórica.

LUIS IZCOVICH: A razão histórica traz desconfiança, age por fora. Depois que revisarem o funcionamento, deverão se passar outras coisas.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Sim. Até porque as instâncias nacionais também são eleitas, a direção nacional também é eleita. Desse modo, a democracia está garantida aí, na representatividade.

SILVIA FRANCO: Quando se fala na questão de reduzir e simplificar as nossas estruturas, quais outras questões estão envolvidas com essa simplificação ou com esse significante refundação, por exemplo?

LUIS IZCOVICH: Eu não estou muito de acordo com o significado de refundação, o qual quer dizer mudar tudo. Primeiro há que se fazer um balanço para verificar se há satisfação com o que foi feito. Levou-se muito tempo para criar as estruturas. Agora o fundamental, essencialmente, não é muda-las, mas sim como fazer para que o passe esteja no centro da Escola, coisa que não se fez. Se há algo que deve ser feito é colocar o passe no centro da Escola. Por exemplo, está previsto para o próximo Encontro em São Paulo⁵, que haja um primeiro dia de debate sobre o passe. Será a primeira vez que iremos fazer isso. E só surgiu a idéia porque em Paris começaram a dizer que temos de fazer debates sobre a evolução do passe. Não é uma crítica, mas é preciso fazer um diagnóstico. Por exemplo, até agora, em dez anos, não há um só AE da América Latina, salvo uma pessoa da Colômbia. Isso é um sinal.

ANA LAURA PRATES PACHECO: E o modo como temos feito a indicação de AMEs? Também no Colégio Internacional, essa dificuldade para avaliar alguém que está longe, como você tem avaliado isso?

LUIS IZCOVICH: É a primeira vez que estou trabalhando no Colégio da garantia. Não nos ocupamos deste tema até agora porque faz menos de um ano que estamos trabalhando. Em princípio, não vejo nenhum problema. Deve ser simples, nele se nomeia, designa-se a partir de uma proposta local. Evidentemente o Colégio da garantia é autônomo, deveria ser simples o problema da designação dos AMEs, acredito.

⁵ 5º Encontro da Internacional dos Fóruns/ Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – OS TEMPOS DO SUJEITO DO INCONSCIENTE: a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise. 5 e 6 de julho de 2008. São Paulo. Universidade Paulista (UNIP) – Campus Paraíso.

SILVIA FRANCO: Desculpe-me insistir na questão, mas quando li todos esses e-mails⁶, as discussões a respeito do balanço dos dez anos, fiquei com a idéia de que um dos motivos do passe não estar no centro é justamente a distância entre os Fóruns e a Escola, a relação dos fóruns com os dispositivos de Escola.

⁶ E-mails que circularam na rede IF-EPFCL e na rede da AFCL sobre o debate preparatório e balanço dos dez anos dos fóruns e seis anos da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Debate preparatório para as assembleias de julho de 2008, em São Paulo.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Concordo. Talvez isso não tenha de ser regulamentado, instituído. Forçá-lo via institucionalização indica que algo não está funcionando. Então desloquemos a questão para: o que não está funcionando no nosso discurso que faz com que as pessoas se contentem em ser apenas membro de Fórum?

SILVIA FRANCO: É esta a minha questão.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Por isso fazemos a pergunta se daqui a dez anos ainda teremos a Escola.

LUIS IZCOVICH: Essa pergunta é muito sensível. Acredito que seria um erro pensar que a solução dos problemas passa por utilizar o Encontro de São Paulo para começar a mudar as regras do Estatuto mundial. Não. Ela passa por uma mudança em nosso discurso.

ANA LAURA PRATES PACHECO: A ênfase no Estatuto, ao invés de enfatizar o discurso.

LUIS IZCOVICH: Porque senão começamos a mudar uma coisa e outra...

ANA LAURA PRATES PACHECO: Burocracia. Vamos chamar os advogados para resolver o problema. Isso aí responde a outra questão, não é?

LUIS IZCOVICH: Por isso a questão de como arrumar estatutariamente nossa estrutura pode trazer muitas mudanças. Se propusermos muitas coisas, nada irá mudar! A questão é se foi estabelecido que o fato de o passe não estar no centro é a causa disso. Entendo que não está no centro porque falta um tempo

para torná-lo o centro. Ainda não houve o tempo para criar as estruturas, o funcionamento, a confiança, nos conhecermos. De agora em diante é uma vontade de discurso, e essa vontade você tem ou não. Nenhum estatuto a colocará, pois é um desejo. E o desejo tem que ser do conjunto, nesse sentido. Dai a questão de criar uma instância de consulta.

ANA LAURA PRATES PACHECO: O que seria uma instância de consulta?

LUIS IZCOVICH: É algo que está aparecendo no debate. Para mim isso não é decisivo, pode-se pensar e deve-se pensar! Mas o importante é se há uma vontade de mudar, um desejo de dar uma orientação ou outra, de deixar debaixo da mesa tudo o que se deve saber sobre o passe ou deixa-lo exposto a todos. É uma questão de decisão coletiva. É preciso que as pessoas sintam que vale a pena falar de suas experiências das análises, porque falar dos textos pode-se fazê-lo com qualquer público.

ANA LAURA PRATES PACHECO: A aposta política de Lacan no conceito de Escola é uma aposta que ultrapassa o ponto no qual o indivíduo se encontra na sua análise, na sua relação com o outro, enfim, tem uma aposta no laço social. Bem, acredito que já avançamos no debate desta questão: ela não vai ser resolvida pelo Estatuto e pela burocracia. Por outro lado, precisamos pensar nos dispositivos, porque não podemos apostar todas as fichas nas pessoas. Como a gente pode conceber dispositivos que fomentem essa questão?

LUIS IZCOVICH: Para mim, a escolha é fomentar o passe e fomentar os cartéis. Quando alguém no fórum está trabalhando em cartel e quer apresentar seu trabalho de cartel, é suficientemente percebido na Escola, porque os cartéis são da Escola. Se alguém aceita fazer um cartel e o inscreve em uma Escola, já é automaticamente da Escola. Por isso, é necessário acompanhar os discursos, pois a postura da política do cartel é fundamental.

ANA LAURA PRATES PACHECO: Em outras palavras, colocar a Escola no centro. Eu queria saber algo sobre o estatuto jurídico da Escola.

LUIS IZCOVICH: Sim, até agora funcionamos com uma estrutura jurídica dos fóruns, pois a Escola não tinha estatuto jurídico. De agora em diante é pensar em como obter uma estrutura jurídica que acentue a Escola. Para nós, fundamentalmente. Já que temos uma responsabilidade em relação ao exterior, em relação às autoridades de cada lugar, temos de acertar isso do modo jurídico.

recebido

20/09/2007

aprovado

15/10/2007